

PREMISSAS PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO

AVANÇOS E
POSSIBILIDADES

Cláudia Neves

(Organizadora)

 EDITORA
ARTEMIS

2020

PREMISSAS PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO

AVANÇOS E
POSSIBILIDADES

Cláudia Neves

(Organizadora)

 EDITORA
ARTEMIS

2020

2020 by Editora Artemis
Copyright © Editora Artemis
Copyright do Texto © 2020 Os autores
Copyright da Edição © 2020 Editora Artemis
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Edição de Arte: Bruna Bejarano
Revisão: Os autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*.
Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial:

Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima
Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, University of Miami and Miami Dade College
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Luciane Spanhol Bordignon, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P925 Premissas para o desenvolvimento humano através da educação
[recurso eletrônico] : avanços e possibilidades / Organizadora
Cláudia Neves. – Curitiba, PR: Artemis, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-01-9

DOI: 10.37572/EdArt_019230520

1. Educação – Filosofia. 2. Desenvolvimento humano. 3. Prática
de ensino. I. Neves, Cláudia.

CDD 370.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



APRESENTAÇÃO

Premissas para o Desenvolvimento Humano através da Educação: Avanços e Possibilidades é uma publicação que pretende demonstrar o trabalho de vários autores que, a partir de um conjunto de perspectivas diversas, procuram refletir e problematizar o papel da educação, os seus limites e possibilidades, enquanto parte integrante da sociedade atual. O papel da Educação a partir de uma multiplicidade de olhares conduz-nos a evidenciar a sua importância enquanto fator primordial do Desenvolvimento Humano, entendido enquanto processo coletivo e individual, potenciador da construção de sociedades integradoras e inclusivas. Esta publicação convida, assim, à reflexão sobre os limites e potencialidades da educação no desenvolvimento das sociedades, a partir de uma multiplicidade de perspectivas e níveis de análise em torno de temáticas diversas.

Do ponto de vista da estrutura editorial a publicação encontra-se dividida em catorze capítulos organizados em duas grandes temáticas. Numa primeira temática temos um conjunto de artigos que procura analisar as principais *tensões e ambiguidades da educação contemporânea*. A segunda temática enquadra um conjunto de textos que procuram analisar movimentos que indiciam *A emergência de movimentos de reafirmação da identidade pública e democrática da educação*.

Na temática sobre *tensões e ambiguidades da educação contemporânea*, o primeiro capítulo é da autoria de Victor Rodrigues de Almeida que nos oferece uma proposta de análise da escola como extensão da sociedade na qual se insere. Partindo de um conjunto de discussões em torno do ideário fascista no contexto escolar, este autor argumenta que algumas propostas políticas e jurídicas podem limitar o espaço democrático e reflexivo da escola enquanto lugar de desenvolvimento e diálogo democrático. O segundo capítulo da autoria de Cláudia Neves analisa a evolução das sociedades e o papel da educação nos modelos de desenvolvimento. A partir de uma análise crítica do papel da educação a autora destaca os efeitos diretos e indiretos que hoje em dia têm repercussão na educação questionando os mecanismos de regulação atuais e a tendência para a construção de uma agenda global mundial para a educação. Tendo como principal foco as universidades comunitárias regionais, Cristina Fioreze oferece-nos um texto (capítulo três) onde reflete sobre as perspectivas e os valores que orientam o ensino nestas universidades no âmbito de um contexto global de pressões económicas e competitividade, demonstrando a coexistência de movimentos alinhados com os ideais capitalistas e movimentos contrários que preservam o valor da educação como bem público. O quarto capítulo, da autoria de Adryssa Bringel Dutra, Paulo Henrique Albuquerque do Nascimento, Pablo Severiano Benevides e Valdir Barbosa Lima Neto, analisa as configurações da Teoria do Capital Humano e a sua reconfiguração para o Neoliberalismo na

educação. Com base num conjunto de reflexões este autor aponta críticas ao discurso empresarial que se contaminado a educação e estabelece um conjunto de relações entre a Teoria do Capital Humano, o Neoliberalismo e a Educação. Esta primeira parte termina com o artigo de Rodrigo Marcos de Jesus que a partir dos contributos da Filosofia da Educação no pensamento de Anísio Teixeira identifica os principais dualismos entre a educação e a sociedade e os seus impactos na realidade brasileira.

Na segunda temática reuniram-se um conjunto de artigos que exploram a *emergência de movimentos de reafirmação da identidade pública e democrática da educação*. Nesta segunda parte, o primeiro capítulo é da autoria de Eduardo Santos e Manuel Tavares, que analisa as características de duas universidades federais brasileiras entendidas como propostas transgressoras relativamente aos modelos universitários tradicionais. A sua análise aponta para a emergência de movimentos de reconfiguração do ensino superior brasileiro que perspectivam a educação popular como uma educação inclusiva nas suas matrizes institucionais e curriculares. O segundo capítulo, escrito por Djane Oliveira de Brito, analisa a relevância social do projeto LOGOS e a Universidade Aberta do Brasil e os impactos que tiveram na realidade educacional brasileira. A autora conclui que estes projetos tiveram uma enorme importância para a formação de professores brasileiros, em particular, aqueles cujas condições a partida não permitiam aceder facilmente a processos de profissionalização. O texto de Tamires Guedes dos Santos configura o quarto capítulo e apresenta-nos uma análise do ensino da Língua Portuguesa a partir da Filosofia da Diferença, questionando a gramática como forma padrão de ensino da língua portuguesa. Neste seu texto propõe explorar outras possibilidades a partir da reflexão sobre as suas práticas e as práticas de colegas docentes nesta área. O quinto capítulo diz respeito ao antagonismo pedagógico no ensino da música com base numa análise desde o século XVIII. É da autoria de Ricardo Henrique Serrão que, a partir de uma perspectiva histórica, aponta algumas críticas ao modelo tradicional de ensino da música. O quinto capítulo foi escrito por Roseni de Lima Ferreira onde explora uma proposta de prática pedagógica baseada em experiências e vivências das crianças, tendo em vista a educação autónoma, para a cidadania a partir do brincar. Explorando as interseções entre o real e o imaginário esta proposta explora o sentimento de partilha e desenvolvimento integral da criança. Simone Mara Dulz e Maria Selma Grosch são autoras do sexto capítulo sobre formação continuada de professores na educação profissional. A partir os movimentos de migração de profissionais liberais para a educação profissionalizante a autora problematiza a necessidade de formação continuada destes profissionais no sentido de os dotar de

uma consciência crítica e de uma compreensão da realidade educativa. O artigo de Luciane Spanhol Bordignon e Eliara Zavieruka Levinski nos mostra um estudo sobre as aulas públicas como prática acadêmica e as suas contribuições na interlocução com a escola pública. A partir de uma reflexão teórico-contextual a autora identifica vários argumentos sobre esta dinâmica assumindo as aulas públicas como parte de um compromisso social das universidades comunitárias. Terminamos esta publicação com dois textos da autoria de Patrícia Duarte de Brito que nos propõem, primeiramente, um olhar sobre as potencialidades das Tecnologias da Informação e Comunicação em espaços não escolares e, por último, uma exploração de estratégias pedagógicas para estimular a leitura das crianças em ambientes escolares.

SUMÁRIO

TENSÕES E AMBIGUIDADES DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

CAPÍTULO 1 1

A ASCENSÃO DO IDEÁRIO FACISTA NO AMBIENTE ESCOLAR: AS DISCUSSÕES POLÍTICAS EM SALA DE AULA (2014 – 2018)

[Victor Rodrigues de Almeida](#)

DOI 10.37572/EdArt_0192305201

CAPÍTULO 2 11

EDUCAÇÃO, DESENVOLVIMENTO HUMANO E NOVAS FORMAS DE REGULAÇÃO DOS ESTADOS: EFEITOS DIRETOS E INDIRETOS NA ESFERA EDUCACIONAL

[Cláudia Susana Coelho Neves](#)

DOI 10.37572/EdArt_0192305202

CAPÍTULO 3 24

OS TENSIONAMENTOS NO ENSINO SOB O REGIME DO CAPITALISMO ACADÊMICO NA NOVA ECONOMIA: O CASO DAS UNIVERSIDADES COMUNITÁRIAS REGIONAIS

[Cristina Fioreze](#)

DOI 10.37572/EdArt_0192305203

CAPÍTULO 4 42

EDUCAÇÃO, RACIONALIDADE NEOLIBERAL E TEORIA DO CAPITAL HUMANO

[Adryssa Bringel Dutra](#)

[Paulo Henrique Albuquerque do Nascimento](#)

[Pablo Severiano Benevides](#)

[Valdir Barbosa Lima Neto](#)

DOI 10.37572/EdArt_0192305204

CAPÍTULO 5 54

O PENSAMENTO DE ANÍSIO TEIXEIRA

[Rodrigo Marcos de Jesus](#)

DOI 10.37572/EdArt_0192305205

A EMERGÊNCIA DE MOVIMENTOS DE REAFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE PÚBLICA E DEMOCRÁTICA DA EDUCAÇÃO

CAPÍTULO 6 80

DESAFIOS HISTÓRICOS DA INCLUSÃO: CARACTERÍSTICAS INSTITUCIONAIS DE DUAS NOVAS UNIVERSIDADES FEDERAIS BRASILEIRAS

[Eduardo Santos](#)

[Manuel Tavares](#)

DOI 10.37572/EdArt_0192305206

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 7 | 102 |
| O PROJETO LOGOS E A UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL (UAB) – DIRETRIZES EDUCACIONAIS SOBRE A FORMAÇÃO/HABILITAÇÃO DE PROFESSORES | |
| Djane Oliveira de Brito | |
| DOI 10.37572/EdArt_0192305207 | |
| CAPÍTULO 8 | 113 |
| PARA ALÉM DA GRAMÁTICA: PENSANDO O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA A PARTIR DA FILOSOFIA DA DIFERENÇA | |
| Tamires Guedes dos Santos | |
| DOI 10.37572/EdArt_0192305208 | |
| CAPÍTULO 9 | 123 |
| ANTAGONISMO PEDAGÓGICO ENTRE PRÁXIS MUSICAIS DOS SÉCULOS XVIII E XIX: DA MÚSICA POÉTICA À ÉCOLE DE MÉCANISME | |
| Ricardo Henrique Serrão | |
| DOI 10.37572/EdArt_0192305209 | |
| CAPÍTULO 10 | 140 |
| O REAL E O IMAGINÁRIO NO MUNDO DE FANTASIAS, MECANISMOS PARA APRENDER BRINCANDO | |
| Roseni de Lima Ferreira | |
| DOI 10.37572/EdArt_01923052010 | |
| CAPÍTULO 11 | 145 |
| FORMAÇÃO CONTINUADA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: DESAFIOS PARA A DOCÊNCIA NO CONTEXTO ATUAL | |
| Simone Mara Dulz | |
| Maria Selma Grosch | |
| DOI 10.37572/EdArt_01923052011 | |
| CAPÍTULO 12 | 154 |
| AULA PÚBLICA: COMPROMISSO E INTERLOCUÇÃO COM A ESCOLA PÚBLICA | |
| Luciane Spanhol Bordignon | |
| Eliara Zavieruka Levinski | |
| DOI 10.37572/EdArt_01923052012 | |
| CAPÍTULO 13 | 161 |
| A EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES PARA A AFIRMAÇÃO, VALORIZAÇÃO E PRESERVAÇÃO DOS BENS ARTÍSTICO-CULTURAIS | |
| Patrícia Duarte de Britto | |
| DOI 10.37572/EdArt_01923052013 | |
| CAPÍTULO 14 | 175 |
| ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS DE MOTIVAÇÃO À LEITURA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES COMPETENTES | |
| Patrícia Duarte de Britto | |
| DOI 10.37572/EdArt_01923052014 | |
| SOBRE A ORGANIZADORA | 192 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 193 |

PARA ALÉM DA GRAMÁTICA: PENSANDO O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA A PARTIR DA FILOSOFIA DA DIFERENÇA

Data de aceite: 05/05/2020

Tamires Guedes dos Santos

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia - IFSul

<http://lattes.cnpq.br/6173204778238697>

RESUMO: O presente trabalho pretende utilizar-se da Filosofia da Diferença, especialmente o livro “Kafka: por uma literatura menor” (DELEUZE; GUATTARI, 1977) para tensionar a realidade do ensino de Língua Portuguesa tanto no Ensino Fundamental quanto no Médio, a qual é centrada, de forma generalizada, no ensino da gramática. Para isso, procura-se esboçar a partir desta perspectiva alguns percursos levando em consideração conceitos como “esgotamento” e “literatura menor” preconizados por DELEUZE; GUATTARI. Por tratar-se de um trabalho que pretende questionar a forma-padrão do ensino, o presente artigo vai mais além, apresentando uma estrutura que não segue o texto acadêmico convencional, a fim de proporcionar tensionamentos no próprio desenvolvimento da teia de ideias. Mais além, procura-se explorar a literatura como uma forma de teorizar acerca dos questionamentos apontados, assim, o

texto literário ocorre como parte do percurso de pensamento. Percebe-se, com isso, que a necessidade de se pensar o ensino da Língua Portuguesa vai além da mera reflexão de uma prática dicotômica baseada na gramática. Como pesquisadora, além de professora, faz-se necessário que tal pensamento fluido vazze para outras perspectivas, explorando outras das muitas possibilidades do ensino da língua. Tal visão se dá a partir da elucidação da Filosofia da Diferença que possibilita diversos devires. Assim, o presente trabalho não busca encontrar soluções para o ensino de Língua Portuguesa, mas sim esboçar algumas perspectivas que foram possíveis a partir dos questionamentos advindos tanto da prática docente como da observação da prática de outros professores de língua materna. Apontando brevemente alguns tensionamentos dos muitos possíveis para tal temática.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Filosofia da Diferença; Língua Portuguesa; ensino.

Um inseto cava cava sem alarme
perfurando a terra sem achar
escape.¹

Assim movimenta-se o pesquisador,
cavando silenciosamente territórios muitas

1. ANDRADE, Carlos Drummond de. Áporo. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1945.

vezes nunca antes explorados ou então encontrando caminhos paralelos em territórios vastamente conhecidos, perfurando-os em um movimento labiríntico que parece não ter destino certo. Assim somos nós, professores de Língua Portuguesa, falantes nativos e eternos aprendizes de uma gramática que pouco parece dizer de nossa língua-mãe na busca incessante de como ensinar essa língua.

Da experiência como professora de língua materna, nasceu uma inquietação: o ensino desta língua para além da gramática. Tal inquietação deve ir além da mera análise de como se dá este ensino, o qual muitos professores já se apropriam. Por isso, não basta ater-se a essa inquietação, mas pode-se utiliza-la como objeto de desejo de deslocamento a fim de problematizá-la com questões outras a exemplo do movimento que faz o inseto-áporo começar a perfurar a terra, sem, no entanto, saber o seu destino final.

Inicialmente, cabe atentar que dos procedimentos utilizados para a realização desse anteprojeto de pesquisa é a modificação da ordem de leitura dos capítulos do livro “Kafka: por uma literatura menor” (DELEUZE; GUATTARI, 1977) – considerado como a obra base de tudo que se buscará ruminar nestas linhas – a fim de desorganizar a proposta de ordem dos autores, propondo assim uma leitura rearranjada – com um arranjo diverso do tradicional que é seguir os capítulos na ordem colocada no livro.

Além desse procedimento, a literatura será usada diferentemente do convencional – como objeto de reflexão literária ou de análise – mas como um aporte teórico, uma forma de dizer o que se sente necessário. Tomando a literatura como parte da pesquisa e não como objeto dela. Afinal, como profissional das Letras, não poderia abster-me de fazer um “duplo sem semelhança” a partir das obras que conscientemente inquietam o processo. Mais ainda, a partir das aulas do Seminário “Um retorno aos Platôs: por entre rizomas e lobos”, a literatura é um agenciamento, é multiplicidade, é corpo sem órgãos, é plano de imanência e nenhuma delas é a mesma coisa já que são diferentes entre si.

Ademais, há de se levar em conta que toda pesquisa nasce de um desejo de pesquisa, desejo este que no contexto de uma literatura menor pode ser compreendido como sendo “fundamentalmente polívoco, e sua polivocidade faz dele um único e mesmo desejo que banha tudo” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 85), em outras palavras, o desejo tem várias faces ao mesmo tempo que parece focar-se em apenas um objeto de desejo.

[...] o desejo vai estar em dois estados coexistentes: por um lado vai estar preso em tal segmento, tal escritório, tal máquina ou tal estado de máquina, vai estar ligado a tal forma de conteúdo, cristalizado em tal forma de expressão [...]. *Por outro lado e ao mesmo tempo*, vai passar toda a linha, arrebatado por uma expressão liberada, arrebatando conteúdos deformados, atingindo o ilimitado do campo de imanência ou de justiça, encontrando uma saída, precisamente

uma saída, na descoberta de que as máquinas eram apenas concreções de desejo historicamente determinadas, e o desejo não cessa de desfazê-las [...]. (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 88).

Assim, o desejo não deixa de estar relacionado com a máquina de guerra – como uma forma pura de exterioridade ao aparelho de estado, como uma forma de resistência, como procedimento – que a própria pesquisa propõe-se. Paralelamente, ao tratar de literatura, no entanto, não se trata de uma literatura de clássicos, mas sim de uma literatura menor. “Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que a minoria faz em uma língua maior” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 25), assim, a literatura menor é feita dentro de uma língua que é maior, mas que tensiona essa língua, sua estética, seu conteúdo, sua forma de expressão. Em outros termos, a língua maior é modificada e desterritorializada na literatura menor.

Escrever é um processo de deslocamento, de preenchimento de espaços – mesmo que sejam espaços por vir –, por isso, é também um processo de descoberta, envolvimento e implicação. Neste sentido a expressão é vista também como um procedimento. Em contraste, no entanto, a literatura de Beckett² traz justamente a falta do preenchimento desses espaços, a partir de sua expressão que se utiliza repetidamente de reticências como uma forma de hesitação, como pontos de respiro, como vazios a serem preenchidos pelo leitor, vazios com significados-por- vir.

A literatura menor tem ainda uma característica política já que esta faz com que “cada caso individual seja imediatamente ligado à política. O caso individual se torna então mais necessário, indispensável, aumentado ao microscópio, na medida em que uma outra história se agita nele” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 26). Assim, o individual torna-se coletivo, outra característica da literatura menor.

[...] o que o escritor sozinho diz, já constitui uma ação comum, e o que ele diz ou faz, é necessariamente político, ainda que os outros não estejam de acordo. [...] é a literatura que produz uma solidariedade ativa apesar do ceticismo; e se o escritor está à margem ou afastado de sua frágil comunidade, essa situação o coloca ainda mais em condição de exprimir uma outra comunidade potencial [...] (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 27).

Esta comunidade em potencial exprimida pelos autores nada mais é do que uma comunidade por vir, um devir, uma potência. Neste sentido, na pesquisa o pesquisador é também, antes de tudo, um escritor. O ato de pesquisa torna-se, por isso, similar ao desejo de voar de Fernão Capelo Gaivota³, que diferentemente das demais gaivotas, que voavam com o único intuito de alimentar-se, tinha o desejo de voar pelo simples fato de voar. A imagem dogmática do pensamento para Fernão Campelo Gaivota era, assim, voar para alimentar-se; a problematização a partir de um método de invenção pode ser compreendida por sua atitude de

2. BECKETT, Samuel. **Não eu. Tradução: Lauro Baldini. Qorpus, UFSC.** Disponível em: <<http://qorpus.pagln:as.ufsc.br/ln:sulto-ao-publico-pecas-teatrais/nao-eu-samuel-beckett-traducao-de-lauro-baldini/>> Acesso em: 09 de outubro de 2017.

3. BACH, Richard. **A história de Fernão Capelo Gaivota. São Paulo: Editorial Nórdica, 1974.**

inventar procedimentos de vôo através da errância enquanto percurso; chegando a uma resistência ao modo dogmático para a produção de uma nova imagem do pensamento, na qual voar tem o propósito de voar em si, de atingir a altitude, de malabarismos no ar, numa espécie de movimento semimigratório ao percorrer distancias maiores do que as demais gaivotas, sentindo o vento da liberdade por entre as penas de suas asas.

Voltando-se novamente à literatura menor, esta tem três características: “desterritorialização da língua, a ramificação do individual no imediato-político, o agenciamento coletivo de enunciação” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 28), assim, a literatura menor funciona como “máquina coletiva de expressão” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 29) tendo com a língua “uma relação de desterritorialização múltipla” (*ibidem*), tal desterritorialização da língua é que faz da literatura menor, ocasionando estranhamento. Neste ponto, a gramática entra em cheque também, já que esta enquanto normativa passa a se tornar uma imagem dogmática do pensamento a ser resistida muitas vezes na literatura menor.

A literatura menor “é a expressão que precede ou adianta, é ela que precede os conteúdos, seja para prefigurar as formas rígidas onde eles vão vazar-se, seja para fazê-los passar em uma linha de fuga ou de transformação.” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 124), sendo assim a expressão é a máquina que movimenta a literatura menor através enunciação que “precede o enunciado, não em função de um sujeito que produziria este, mas em função de um agenciamento” (*ibidem*). Assim a própria literatura menor funciona como um corpo sem órgãos, uma máquina a qual vai-se descobrindo as peças na medida em que esta é montada em função da expressão.

“[...] como arrancar da própria língua uma literatura menor, capaz de escavar a linguagem e de fazê-la seguir por uma linha revolucionária sóbria? Como tornar-se o nômade e o imigrado e o cigano de sua própria língua?” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 30). Como, enquanto professora-pesquisadora agir tal como o inseto-áporo e cavar a linguagem, a língua e seus dogmas e ir para além disso? Como enquanto educadora tornar-me nômade em minha língua? Como tornar o meu aluno nômade também? Como desprender-se das dicotomias de certo e errado impostas por esta gramática normativa para ir além, buscando uma literatura menor, buscando um outro uso da língua materna, afim de apropriar-se dela e usá-la da forma que cada um quiser no intuito de expressão?

Levando em consideração todos estes questionamentos, sem no entanto buscar responde-los, mas com a intenção de mantê-los como potencias, lembro-me que Deleuze comenta o que é e para que serve a aula⁴:

4. NUCLEO EXPANSÃO. **O que é e para que serve uma aula?** Publicado em 09/06/2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-ln2A0fkA78>> Acesso em: 26 de outubro de 2017.

Para mim, uma aula não tem como objetivo ser entendida totalmente. Uma aula é uma espécie de matéria em movimento. É por isso que é musical. Numa aula, cada grupo ou cada estudante pega o que lhe convém. Uma aula ruim é a que não convém a ninguém. Não podemos dizer que tudo convém a todos. As pessoas têm de esperar. Obviamente, tem alguém meio adormecido. Por que ele acorda misteriosamente no momento que lhe diz respeito? Não há uma lei que diz o que diz respeito a alguém. O assunto de seu interesse é outra coisa. Uma aula é emoção. É tanto emoção quanto inteligência. Sem emoção, não há nada, não há interesse algum. Não é uma questão de entender e ouvir tudo, mas de acordar em tempo de captar o que lhe convém pessoalmente. É por isso que um público variado é muito importante. Sentimos o deslocamento dos centros de interesse, que pulam de um para o outro. Isso forma uma espécie de tecido esplendido, uma espécie de textura. (Informação áudio-visual)

A aula, tal como a pesquisa, é um convite ao movimento de desterritorialização e reterritorialização. Na aula, cada aluno absorve o que lhe convém, independente dos esforços do professor. Igualmente, na pesquisa, cada pesquisador traça seu próprio método maquinatorio. Esse movimento de territórios, ocorre também na língua já que ela “compensa sua desterritorialização por uma reterritorialização no sentido” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 31). Sentido esse que se relaciona com um sujeito de enunciação, um sujeito de enunciado e a coisa designada – diretamente ou através da metáfora –, em que existe a linguagem distinguindo-os ao mesmo tempo que se complementam.

Que fazer, exausto, em país bloqueado, enlace de noite raiz e minério?⁵

A exaustão pode ser compreendida também como esgotamento através de Deleuze e Beckett⁶. Assim, o esgotamento é visto sobre a ótica de ambos autores, sendo um deles filósofo e o outro literata (escritor de literatura), o que reforça a intenção de utilizar a literatura como embasamento teórico. Inicialmente, Baptista (2015) chama a atenção para o conceito de esgotamento de Deleuze, que diferencia o esgotamento da fadiga, sendo que “estar esgotado é estar ativo para nada” (BAPTISTA, 2015, p. 114) enquanto que estar fadigado está relacionado à figura daquele que utilizou-se de “todas as possibilidades de um acontecimento qualquer se realizar. Ele explorou todo o possível e por isso se encontra fatigado dessa execução exaustiva” (*ibidem*), sendo assim, o fadigado está relacionado com aquele que cansou de procurar, desistindo da procura, dando-a por encerrada. Em contrapartida, o esgotado por ter explorado todas as possibilidades chega a uma perda de sentido daquela ação:

5. ANDRADE, Carlos Drummond de. Áporo. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1945.

6. Diversas obras dos autores a partir da análise de Baptista (2015).

A figura do esgotado nos remete aquele que, tendo explorado todas as possibilidades, as esgota de tal forma que o sentido daquela ação se perde completamente. Aliás, a preocupação do esgotado não é com o sentido, mas com a própria exploração de todas as possibilidades do possível. [...] O esgotado é aquele que renunciou a toda ordem de preferência, que renunciou a realização de objetivos, que renunciou a significação das palavras e das coisas. (BAPTISTA, 2015, p. 115).

Ao renunciar a significação das palavras e das coisas, o esgotado nada mais é do que a figura do próprio autor em uma literatura menor. O esgotado não deixa de ser, de certa forma, a figura do celibatário como performance do escritor a partir da observação da literatura de Kafka descrita por DELEUZE; GUATTARI: “um enunciado é literário quando é ‘assumido’ por um celibatário que adianta as condições coletivas de enunciação” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 122).

Em contraste, a figura do esgotado a partir Beckett, conforme as ideias de Baptista (2015), está presente, principalmente, na trilogia de romances pós-guerra do autor, na qual observa-se a “língua de nomes” – nomeada pela autora como “língua I” e que compreendo como a língua vinculada à gramática normativa por ser de certa forma imagem dogmática do pensamento – é usada e ultrapassada por Beckett para se chegar a “língua de vozes” – também categorizada como “língua II” pela autora e podendo ser compreendida como vontade de potência.

Para Deleuze, conforme a mesma autora, o uso da língua I aparece como um experimento na literatura de Beckett que se faz menor, na qual “ele opera pela via da combinatória exaustiva das palavras e das coisas” (BAPTISTA, 2015, p. 116), assim, Beckett com sua maneira de esgotar o possível, esgotando as possibilidades, sendo que o “esgotamento é extenuado, dissipado, e renuncia a qualquer organização em torno de um objetivo” (*ibidem*).

A pesquisa, relacionando-se com o conceito de esgotamento, pode ser compreendida a partir de uma linha de fuga que se dá a partir de uma fuga em intensidade, ou seja, “[...] a fuga é recusada apenas como movimento inútil no espaço, movimento enganador da liberdade; em compensação, é afirmada como fuga no mesmo lugar, fuga em intensidade” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 21). Assim, o esgotamento do objeto se dá a partir e pela linha de fuga, fuga esta que não pretende, no entanto, abstrair a realidade mas experienciá-la.

Este esgotamento pode ser visto sob uma outra ética-estética ainda. O esgotamento do pesquisador ao roer as possibilidades que seu desejo de pesquisa lhe proporciona. O que remete à palestra proferida por Kosby (informação verbal)⁷ que a partir de Deleuze e LéviStrauss propõe um pensamento e linguagem míticos a partir de uma perspectiva de uma vida preocupada com o por vir, com o devir. Como antropóloga, levando em conta seu objeto de estudo – as comunidades de

7. KOSBY, Marília Flôor. **Mugido: poesia como estratégia ética/estética de sobreviver à (e na) academia.** Palestra proferida em 25 de outubro de 2017 na 33ª Semana Acadêmica de letras.

religião afro-brasileiras, ou o batuque – Kosby problematiza o sonho como uma forma de conhecimento, convivência, compartilhamento de mundo e de vivência.

Além disso, através de uma transdisciplinaridade entre a poesia e a antropologia, considerando a poesia como performance, a antropóloga ainda entende que a pesquisa quando elaborada por uma mulher não deveria seguir o formato hermético – tal como costuma ocorrer na maioria das vezes na academia, como uma pesquisa que já tem uma estrutura que não deixa de funcionar como imagem dogmática do pensamento – tal como o corpo do homem – que também é hermético. A pesquisa realizada pela mulher poderia, tal como o seu corpo, vaziar. E como seria um texto que vazia?

“Acreditamos apenas em uma *experimentação* de Kafka, sem interpretação nem significância, mas somente protocolos de experiência.” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 13). Um texto que caracteriza-se como um corpo que vazia talvez possa ser o da pesquisa que segue os protocolos kafkanianos de experiência, ou mesmo que inventa seus próprios protocolos. Talvez esse vazamento seja claro no próprio texto a ser construído em sua materialidade enquanto potência de produção pesquisa. Utilizando-se de um procedimento de Alice⁸ como procedimento de pesquisa, ou seja, ao caminhar, ir deparando-se com situações, com textos, com personagens e encará-los, não sem certo estranhamento e surpresa, mas afim de compreendê-los sem ousar esvaziá-los, tal como o aluno da fala de Deleuze que pega para si o conhecimento que lhe interessa, que lhe serve.

Uma literatura menor não deixa de ser uma forma de fazer a pesquisa vaziar, o texto vaziar. “Fazer vibrar sequências, abrir a palavra para intensidades interiores inauditas, em resumo, um *uso intensivo* assignificante da língua” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 34, grifos dos autores). O uso da língua tirando seu significado raso, fazendo transbordar dela outros significados possíveis como uma forma de resistência. Assim, a linguagem é atravessada “com o sentido por uma linha de fuga, para liberar uma matéria viva expressiva, que fala por si mesma e não tem mais necessidade de ser formada” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 32). Em outras palavras, o sentido que vazia da palavra, que vai além do sentido dogmático, pode ser considerado como uma linha de fuga, uma forma de resistir a qual tem como premissa a metamorfose – contrário da metáfora – que se trata de uma “distribuição de estados no leque da palavra” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 34), palavras estas que ao serem desterritorializadas e que seguem sua linha de fuga.

Com isso, não pode-se deixar de levar em consideração que o que se quer da pesquisa é ela funcione como uma espécie *máquina de expressão*, uma máquina de guerra movida pela expressão que “deve despedaçar as formas, marcar as rupturas

8. CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas**: Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

e as ramificações novas. Estando despedaçada uma forma, reconstruir o conteúdo que estará necessariamente em ruptura com a ordem das coisas” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 43-44). Sabendo que a linha de fuga faz parte da máquina. Considerando a expressão também como ruptura, como uma rugosidade, além de ser mera nomeação das coisas, da expressão como forma de fazer o texto vazar.

O agenciamento, assim, relaciona-se com a máquina, faz parte dela sem confundir-se com esta. Isto talvez porque um agenciamento “só vale pela *desmontagem* que opera da máquina e da representação, e, funcionando atualmente, ele só funciona por e em sua própria desmontagem” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 72). Em outras palavras o agenciamento funciona no processo de desmontagem da própria máquina – que pode ser comparada a um corpo sem órgãos, já que não tem um funcionamento *a priori*. Um agenciamento é agenciamento coletivo de enunciação ao mesmo tempo em que é agenciamento maquínico de desejo. Em contrapartida “Desmontar um agenciamento maquínico é criar e tomar efetivamente uma linha de fuga” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 88). Por isso, não podese deixar de notar que esses conceitos confundem-se ao mesmo tempo que se diferenciam.

[...] a metamorfose é como a conjunção de duas desterritorializações a que o homem impõe ao animal, forçando-o a fugir e subjugando-o, mas também a que o animal propõe ao homem, indicando-lhe saídas ou meios de fuga nos quais o homem jamais teria pensado sozinho (a fuga esquiça) [...]. (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 54).

A metamorfose está, assim, de certa forma relacionada à linha de fuga. A metamorfose trata-se de um *devenir* que compreende “o máximo de diferença como diferença de Intensidade” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 34), abrindo o leque de possibilidades, voltando-se para assignificação e ressignificação das palavras, tal como ocorrem a desterritorialização e reterritorialização.

Ademais, a escritura tem “essa dupla função: transcrever em agenciamento, desmontar os agenciamentos.” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p.70) em um contexto em que ambas funções constituem uma unidade. Nesse sentido “*A linguagem deixa de ser representativa para tender para seus extremos ou seus limites.*” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 36, grifos dos autores), ou seja, a linguagem é um meio pelo qual se faz tais agenciamentos funcionando como máquina de expressão. O que não deixa de retomar a ideia de literatura menor, a qual faz com que uma língua, ainda que maior, seja “suscetível de um uso Intensivo que a faz correr seguindo linhas de fuga criadoras” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 41) linhas estas que podem ser percebidas também como linhas de fuga.

Eis que o labirinto (oh razão, mistério) presto se desata:

_____ em verde, sozinha, antieuclediana, uma orquídea forma-se.⁹

9. ANDRADE, Carlos Drummond de. Áporo. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1945.

Neste processo, percebe-se que a busca do inseto-áporo torna-se num devir insetoorquídea, como uma metamorfose a qual a busca incessante é que leva a esta mudança. A orquídea também é áporo. E além de ser inseto e de ser orquídea, áporo refere-se a um problema de difícil resolução, quase impossível. Assim, Drummond não escolhera ao acaso o título para sua poesia como não foi escolhida ao acaso esta poesia para propor relações dentro de um texto que pretende ao mesmo tempo segmentarizar-se – inspirada em Kafka – e vazar – inspirada em Kosby.

É desse modo também que a orquídea tem ar de reproduzir uma imagem de vespa, mas mais profundamente se desterritorializa nela, ao mesmo tempo que a vespa por sua vez se desterritorializa acoplando-se à orquídea [...] (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 22)

As relações de orquídea e inseto não foram pensadas apenas por Drummond, como também por Deleuze; Guattari ao relacionarem diretamente a vespa – inseto – à orquídea. Tais relações podem se dar tanto pelo fato do formato de vespa e orquídea serem similares quanto pelo fato de que a vespa retira do néctar da orquídea, alimentando-se dela e ao mesmo tempo a orquídea é polinizada pela vespa, multiplicando-se, persistindo em sua existência. Essa relação nada mais é do que um devir-vespa-orquídea ao mesmo tempo que é um deviorquídea-vespa, numa relação cíclica de constante desterritorialização e reterritorialização.

Com isso, sem pretender no entanto chegar-se a um esgotamento deste texto, compreende-se que várias relações podem ser propostas a partir de uma inquietação inicial – neste caso, a inquietação por uma aula de Português para além da gramática – a partir de vazamentos dados por relações que ao mesmo tempo que se interconectam – tal como segmentos – deixam espaços em branco, espaços de silêncio – devires. Por isso essa breve ruminação não é mais do que um apanhado de intensidades, de considerações e relações e foram feitas a partir de uma inquietação inicial que foi tensionada pelo conceito de literatura menor, afim de fazer um texto que, mesmo não sendo literário, funcione como literatura menor.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Áporo. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. A rosa do povo. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1945.

BACH, Richard. **A história de Fernão Capelo Gaivota**. São Paulo: Editorial Nórdica, 1974.

BAPTISTA, Fabiana Campos. **Beckett com Deleuze: tecituras possíveis do esgotamento**. v. 2, n. 2. Belo Horizonte: Em Tese, maio-ago, 2015.

BECKETT, Samuel. **Não eu**. Tradução: Lauro Baldini. Qorpus, UFSC. Disponível em: <<http://qorpus.paginas.ufsc.br/insulto-ao-publico-pecas-teatrais/nao-eu-samuelbeckett-traducao-de-lauro-baldini/>> Acesso em: 09 de outubro 2017.

CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas**: Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Série Logoteca. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1977.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 1, São Paulo: Editora 34, 1995.

MARTINS, Camila Quaresma; SANTOS, Glória Acosta; AZAMBUJA, Rosana Machado; VELEDA, Silvia Regina de Lima; RITTA, Vivian Iracema Marques (org.). **Guia de normalização**. Pelotas: Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, 2012.

NUCLEO EXPANSÃO. **O que é e para que serve uma aula?** Publicado em 09/06/2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-ln2A0fkA78>> Acesso em: 26 de outubro de 2017.

SOBRE A ORGANIZADORA

CLÁUDIA NEVES é professora auxiliar no Departamento de Educação e Ensino a Distância da Universidade Aberta e investigadora integrada no Laboratório de Educação a Distância e eLearning. É coordenadora do Mestrado em Administração e gestão educacional e tem supervisionado várias teses de doutoramento e dissertações de mestrado sobre temas relacionados com a Liderança Educacional e a Administração e Gestão Educacional. Tem participado em vários projetos de investigação nacionais e internacionais tendo já coordenado um projeto com financiamento europeu sobre competências de aprendizagem ao longo da vida para pequenas e médias empresas. Atualmente a sua investigação prende-se com a exploração das perspetivas teóricas da complexidade nos contextos de administração e gestão educacional e com a promoção de comunidades profissionais virtuais de aprendizagem em contextos educativos. Tem publicado vários artigos sobre os processos de política educativa e os instrumentos e mecanismos de regulação da educação atual, bem como a emergência de novas conceções sobre Liderança Educacional Digital. É membro do Observatório de integração dos diplomados da Universidade Aberta e vogal da Direção do Fórum Português de Administração Educacional.

ÍNDICE REMISSIVO

C

Capitalismo Acadêmico 24, 25, 26, 27, 28, 29, 32, 34, 35, 38, 39, 40

D

Desenvolvimento 11, 16, 17, 22, 23, 91, 160

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 125, 131, 132, 140, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 173, 175, 177, 184, 188, 189, 191, 192

Educação Básica 15, 105, 109, 110, 154, 175, 177, 184

Educação para a democracia 70, 71

Educação Popular 67, 70, 74, 81, 83, 90, 91, 100

Educação tecnológica 145, 146, 149, 152

Ensino e aprendizagem 104, 157

Ensino Superior 25, 40, 41, 67, 68, 69, 80, 82, 87, 88, 96, 100, 108, 109, 110, 111, 112, 152, 154, 155, 160

Ensino universitário 93, 158

Escola do mecanismo 123, 133, 135, 137, 138

Escola Pública 56, 74, 75, 78, 91, 154, 159

F

Filosofia da Diferença 113

Filosofia da educação 54, 55, 56, 58, 59, 63, 71, 77, 79

G

Globalização 11, 12, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 30, 40, 82, 83, 87, 89

I

Inclusão 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 91, 93, 97, 98, 99, 124, 169, 171

Integração Regional 81, 82, 83, 91, 93

M

Modelo público 26, 155

N

Neoliberalismo 18, 22, 42, 43, 46, 47, 48, 53

Nova economia 24, 25, 26, 27, 28, 33, 40

O

Organizações Internacionais 11, 14, 16, 18, 19, 21, 22, 23

P

Pedagogia 10, 53, 77, 100, 123, 124, 132, 138, 143, 144, 160, 173, 191

Pedagogia musical 123, 124, 132

Políticas educativas 18, 20, 21, 23

Práticas pedagógicas 86, 95, 96, 130, 140, 167, 182

R

Racionalidade liberal 45

Regulação da educação 12, 18, 21, 192

T

Teoria do Capital Humano 42, 43



**EDITORIA
ARTEMIS
2020**